

ASPECTOS DO NEOPENTECOSTALISMO NA IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS

Aron Édson Nogueira Giffoni Barbosa¹

RESUMO

O presente artigo vem trazer os resultados de uma pesquisa de campo e bibliográfica acerca do neopentecostalismo. A partir da colocação do panorama histórico do protestantismo e do pentecostalismo, analiso uma das características principais do pentecostalismo que é a cura divina, traçando uma relação entre o trânsito religioso e a cura, dentro de um recorte específico inserido no campo neopentecostal, que é a Igreja Mundial do Poder de Deus. Analiso também a tríade que gira em torno do universo desta mesma igreja, e que é comum à maioria das igrejas neopentecostais, que é a cura, o exorcismo e a prosperidade. A partir de dados obtidos anteriormente em pesquisas de campo e da bibliografia analisada, esboça-se uma relação entre os avanços da modernidade e o avanço do neopentecostalismo, que resulta em um tráfego de fiéis por entre as igrejas em busca da cura ou de um milagre qualquer.

PALAVRAS-CHAVE: pentecostalismo, cura divina, trânsito religioso, modernidade.

ASPECTS OF NEO-PENTECOSTALISM IN THE WORLD CHURCH OF THE POWER OF GOD

ABSTRACT

This article brings the results of a field and literature research on Neo-Pentecostalism. From the historical overview of Protestantism and Pentecostalism, I analyze one of the main features of Pentecostalism, divine healing, tracing the relationship between religious traffic and religious healing, with a specific focus on the Neo-Pentecostal World Church of the Power of God. I also analyze the triad that structures the universe around this same church, common to most Neo-Pentecostal churches, which are healing, exorcism and prosperity. Based on data previously taken in fieldwork and in the analyzed bibliography, a relationship is sketched between the advances of modernity and the advance of Neo-Pentecostalism, what results in a traffic of believers between the churches looking for healing or any miracle.

KEY-WORDS: Pentecostalism, divine healing, religious traffic and modernity.

¹ Aron Édson Nogueira Giffoni Barbosa (arongiffoni@hotmail.com) é Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora e Pós-Graduando em Ciência da Religião pela mesma instituição.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho procuro apresentar a pesquisa que desenvolvi, juntamente com os trabalhos realizados no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – PPCIR de Juiz de Fora - MG. A partir de uma descrição histórica acerca do protestantismo e do pentecostalismo, apresento o recorte estabelecido para a minha pesquisa, que é a Igreja Mundial do Poder de Deus², uma das muitas igrejas que surgiram junto com a expansão do pentecostalismo. A Igreja Mundial do Poder de Deus foi fundada na cidade de Sorocaba-SP em 9 de março de 1998 pelo então pastor Waldemiro Santiago, e sua sede principal – o Grande Templo dos Milagres – localiza-se em São Paulo-SP. O Apóstolo Waldemiro Santiago – como é conhecido em seu meio – atuou por 18 anos na IURD, e por motivos de desentendimento com as lideranças se desligou da mesma em 1997. Tempos depois fundou a IMPD, trazendo consigo grande parte da cúpula da IURD, e hoje possui cerca de 1400 templos em todo o país, inclusive na África e em Portugal.

Neste caso, a descrição histórica do pentecostalismo se faz necessária devido à relação intrínseca com o próprio protestantismo americano. Partindo deste ponto, inserimos no contexto um pouco de teoria antropológica e sociológica, bem como as interpretações que fiz em campo acerca do universo neopentecostal desta igreja. O método antropológico foi de extrema significação, uma vez que apenas estando em campo, junto com o nosso objeto de estudo e tentando sentir o que ele sente, é que podemos aproximar o nosso entendimento ao máximo do que determinado ritual ou fato possa ser. As pesquisas se deram durante o ano de 2011, onde visitei o Templo dos Milagres de Juiz de Fora, e pude conversar informalmente com diversas pessoas, e este artigo se baseia nessas conversas e nas observações que pude fazer acerca de doutrinas, ensinamentos e práticas.

Para as Ciências da Religião, o estudo dessas novas igrejas ditas neopentecostais é de importância total. O cenário do campo religioso brasileiro hoje se vê atravessado por essas igrejas, que a cada dia se expandem para todos os cantos do país. De acordo com Freston (1994), o universo protestante possui uma diversidade muito grande no que tange à organização, teologia, liturgia e política, e o emaranhado de tudo isso resulta nas diversas correntes teológicas neopentecostais, dando liberdade a qualquer indivíduo dissidente que tome a sua própria teologia e funde, logicamente, a sua própria igreja, com todas as doutrinas e rituais que julgar necessário.

² Trataremos a Igreja Mundial do Poder de Deus no decorrer deste trabalho com a sigla IMPD.

O que tentamos neste artigo é estabelecer a relação entre a cura divina e o trânsito religioso de fiéis nas igrejas pentecostais, ressaltando que esse trânsito funciona como uma cascata, onde as pessoas vão passando por diversos patamares e acabam estacionando na IMPD. Vale dizer que isso não significa que as pessoas sigam freqüentando esta igreja pra sempre. Seria necessária outra pesquisa para sabermos esta informação, e mesmo assim, não poderíamos afirmar, ao certo, se existe mesmo uma parada dos crentes quando conseguem a cura. A maioria das pessoas entrevistadas na pesquisa de campo passou, pelo menos, por duas igrejas antes de chegarem até a IMPD. O porquê deste caminho feito pelos fiéis está na busca pela eficácia, ou seja, os fiéis querem cada vez mais que Deus resolva os problemas da humanidade, e por um gesto individual, que Deus resolva os seus próprios problemas.

A dinâmica da sociedade moderna exige que determinados padrões – religião, economia, política, etc. – se modifiquem para que as sociedades se adéquem aos moldes modernistas. Essa abertura, de certa forma, possibilita novas vias de acesso para que a própria religião crie vielas (ou saídas) para determinadas coisas que nunca se discutiriam, em se tratando de religião nos períodos medievos. Podemos citar como exemplo as igrejas voltadas para homossexuais e surfistas, que a tempos atrás sequer existiriam, por conta do pensamento fechado das religiões.

Infelizmente, o IBGE ainda não divulgou os resultados obtidos no censo 2010 no que tange à religião no Brasil. Contudo, observando-se a tabela do Censo de 2000, ousou dizer que a expansão do pentecostalismo e o crescimento dos sem religião aumentará substantivamente. Se esse crescimento acompanha a busca pela eficácia e a visão de que a religião não é nada mais que um caminho a ser tomado para a busca por Deus, a tendência que se seguirá será a queda brusca de católicos e o aumento de neopentecostais e dos sem religião.

2. O INÍCIO DO PROTESTANTISMO E DO PENTECOSTALISMO

Os séculos XIV e XV foram os que marcaram a Europa ocidental devido às intensas revoluções que cunharam o início da perda de hegemonia da Igreja Católica e o início do protestantismo. Vários foram os fatores que influenciaram a ruptura, dentre eles estão: a construção da nova basílica de São Pedro e os altos gastos dos Papas e de Cardeais; a interferência de Roma na vida interna das nações católicas e o descontentamento com o governo central de Roma e com as dioceses clamaram uma voz uníssonas em toda parte: a igreja deve ser reformada (BETTENCOURT, 1995).

De acordo com Mendonça (2005), podemos considerar como igrejas protestantes aquelas que surgiram durante e após a Reforma, e que, de certa forma, ainda guardam determinados princípios gerais do movimento de reforma que lhes foram colocados. São elas: luteranas, presbiterianas, congregacionais, batistas e metodistas.

Os protestantes, mais precisamente aqueles que deram início à ruptura, acreditavam que a relação com Deus não podia ser estabelecida a partir de um sistema hierárquico eclesiástico de estrutura complexa, com vários cargos, funções e obrigações. A autoridade papal começou a ser questionada também, em especial pelas indulgências, pela aquisição monetária de bens religiosos como cargos e sacramentos e pelo nepotismo estabelecido em Roma (MOTA, 1998).

A partir da cisão, podemos identificar denominações³ diferentes umas das outras e traçar dois tipos de protestantismo: o protestantismo tradicional e o protestantismo moderno. Conforme propõe Mendonça (2005), as igrejas pertencentes ao protestantismo tradicional ou histórico são essas igrejas mencionadas acima, que por sua característica de guardar os seus princípios fundantes, se enquadram nesse universo histórico protestante.

As principais premissas do protestantismo se encaixam em três temas. São eles: i) a justificação pela fé sem obras: a partir da iniciativa protestante, este preceito reza que, não importam quais são as atitudes do indivíduo, quer sejam boas ou não, Deus sempre olhará a sua fé. Isso vai de encontro com o que era pregado pela igreja católica no período da reforma, pois a idéia passada pela igreja hegemônica era que a salvação viria por boas obras e pela remissão dos pecados; ii) a Bíblia é a única fonte de fé e deve ser entendida a partir do livre

³ Segundo Howard Becker (apud Giddens, 2005), uma denominação é uma seita que se prolongou e se estruturou para se tornar um organismo mais institucionalizado como uma igreja, e não um grupo apenas de protestos, como a seita.

exame: o indivíduo, quando aceita a palavra oral da Bíblia pode estar se sujeitando a um erro de interpretação de quem fala. Sendo assim, é melhor que ele mesmo leia e ele mesmo interprete, de acordo com o Espírito Santo; iii) a negação de intermediários entre Deus e o crente: para o protestantismo, não existem canais transmissores da graça, ou seja, não existem sacramentos administrados por uma igreja, o único sacerdote é Jesus Cristo (HEERDT; BESEN; COPPI, 2005).

De acordo com Mendonça (p.51, 2005),

...o protestante é um indivíduo que professa uma religião individual, de consciência, que se inspira na interpretação direta e pessoal da Bíblia, pauta suas ações na ética racional do trabalho e na moral burguesa vitoriana. Sua racionalidade procura manter a distância a interferência do extraordinário no cotidiano, assim como sua individualidade o situa nos limites mínimos do poder sacerdotal ou eclesiástico. É uma religião quase secularizada e se aproxima, mesmo quando institucionalizada, de uma religião civil. As igrejas são comunidades de fé e aprendizado religioso mútuo. [...]

Pensando nestes termos, ao dizer que o protestantismo se aproxima de uma religião civil, entendemos que ele se insere na sociedade como um conjunto de símbolos e rituais que proporcionam integração, solidariedade e reverência que estão associados, geralmente, ao sagrado.

2.1 O PROTESTANTISMO NOS ESTADOS UNIDOS

Para compreender os moldes em que se firmou o protestantismo, e posteriormente o pentecostalismo no Brasil, é importante uma percepção do protestantismo nos Estados Unidos.

Os primeiros protestantes que chegaram aos Estados Unidos foram alguns colonos que desembarcaram em 1607, enviados pela Inglaterra para formarem o primeiro povoado inglês na América. Só que o que marcou realmente a história americana foi a chegada dos puritanos, que vieram à América fugidos de perseguições na Inglaterra (MOTA, 1998).

Segundo Tocqueville (apud MOTA, 1998), os puritanos recebiam este nome por conta da austeridade de seus princípios. A doutrina religiosa se confundia com vários outros aspectos como teorias democráticas e republicanas. Por conta disso foram perseguidos pela Inglaterra e procuraram uma terra abandonada pelo mundo onde pudessem viver de sua forma. Os holandeses chegam no século XVII trazendo o calvinismo.

A afirmação de puritanos e calvinistas em solo americano foi importante para o desenvolvimento do país. A influência religiosa, cultural e moral também foram importantes, pois as igrejas exigiam uma conduta altamente rígida de seus membros. Os puritanos não

eram tolerantes no que tange ao pluralismo religioso, uma vez que vieram para a América para exercer a seus modos aquela religião que eles julgavam ser a verdadeira, queriam praticá-la com uma certa liberdade. A própria intolerância dos puritanos desencadeou o desenvolvimento dos batistas em outra região do país, uma vez que não aceitaram o pastor Roger Willians por perto (MOTA, 1998).

Apesar do pioneirismo e da intolerância dos puritanos, o pluralismo protestante se desenvolveu nos Estados Unidos no decorrer do século XVII. Observa-se a presença de calvinistas, presbiterianos, luteranos, católicos romanos, judeus, batistas, quackers, anabatistas, menonitas, entre outras (MOTA, 1998).

As idéias iluministas do século XVIII abalaram e ofuscaram a efervescência religiosa e o puritanismo nas colônias. A fé professada pelos colonos foi aos poucos substituída por um moralismo individualista, e isso possibilitou a inserção de uma nova base religiosa liderada por Jonathan Edwards. Segundo Mendonça (2005), Jonathan Edwards foi o pioneiro ao inserir o pensamento filosófico nos Estados Unidos, e seus pensamentos são recheados com temas acerca do puritanismo e da determinação. Ele é totalmente contra o racionalismo e a descrença, pregando sobre o arrependimento e a fé. Ele iniciou um despertar religioso que se espalhou nos arredores de Massachussets, e todas as colônias foram influenciadas por este “Despertamento religioso”.

Em 1858 ocorre o Segundo Grande Despertamento do Protestantismo americano, onde as reuniões eram marcadas por intensos avivamentos, e se formavam desde grupos pequenos até grandes multidões. A ênfase dada era a “descida do espírito Santo”, assim como em Pentecostes, e proclamava-se uma guerra contra os vícios. O crescimento desses grupos reavivalistas ocorreu nos séculos XIX e XX (HEERDT, BESEN, COPPI, 2005).

2.2 O PROTESTANTISMO NO BRASIL

A implantação do protestantismo no Brasil se inicia em 1555, quando o vice-almirante francês Nicolau Durand de Villegagnon tenta criar no Brasil uma espécie de refúgio para os calvinistas que estavam sendo perseguidos na Europa. O projeto se consolida com a ajuda do rei francês Henrique II, e em 1557 chega ao país mais três navios com trezentos colonos franceses, homens e mulheres, e mais dois teólogos vindos por indicação do próprio Calvino. Os recém chegados não se deram bem com os antigos colonos, uma vez que o vice-almirante Villegagnon havia inserido no culto alguns traços específicos do catolicismo como a invocação de santos e a oração pelos mortos. Isso acirrou ainda mais a divisão do grupo, no

entanto não impediu que a primeira igreja protestante se instalasse. Outra tentativa de estabelecimento do protestantismo foi feita pelos calvinistas holandeses (MOTA, 1998).

Não tardou muito para que os pregadores conseguissem alcançar um número suficiente de adeptos para a formação da primeira igreja. Dentre eles estavam flamengos, ingleses, franceses, moradores de Recife e outros. Houve certa dificuldade para os calvinistas converterem os africanos e os nativos, talvez por conta da língua e/ou pela característica protestante de não ser universalista.

Desde a expulsão dos holandeses em 1654 não houve mais protestantes no Brasil. Somente em 1810, com a assinatura do Tratado de Aliança e Amizade e Comércio e Navegação com a Inglaterra é que foram chegando de novo ao país os protestantes, que, a partir de certas normas que restringiam a expansão e o culto, espalhavam suas Bíblias e a sua doutrina (MOTA, 1998)

Segue agora um ponto importante para a expansão do protestantismo no Brasil. Segundo Mota (1998, p.159-160),

Na época do Império discutiu-se muito, por ocasião da Constituinte de 1823, o problema da liberdade religiosa e houve uma cerrada oposição a isto, pois de noventa constituintes, dezenove eram padres. No final, embora mantendo o Catolicismo como religião oficial, a constituição representava um passo à frente pois reconhecia o Brasil como **nação cristã** em todas as suas comunhões e estendia os direitos políticos a todas as profissões cristãs. Estabelecia ainda a Constituição que ninguém seria perseguido por questão de religião. Conquista importante dos protestantes que nos primeiros tempos tiveram que se valer deles. [grifo meu]

Ora, está claro que a liberdade religiosa não seria estabelecida escancaradamente por conta deste grupo pertencente à igreja católica. Os padres temiam pelo esfacelamento da religião católica e pela perda da hegemonia, a qual o catolicismo vinha detendo há muitos anos. O fenômeno atual da expansão do pentecostalismo vem acompanhado do decréscimo de fiéis pertencentes ao mundo católico. Mesmo o Brasil não tendo uma religião declarada oficial, o catolicismo vem cada vez mais perdendo o seu espaço hegemônico, o que não significa que ele tende a desaparecer. Sem dúvida, o reconhecimento do Brasil como “nação cristã” contribuiu significativamente para o avanço do protestantismo em 1823, uma vez que havia a garantia de não haver perseguições por motivos religiosos, o que não garante mostrar a posição de que não houve perseguição.

A partir da imigração chegaram os primeiros grupos protestantes ao Brasil. O primeiro culto celebrado foi o da Igreja Evangélica de Nova Friburgo, em 1824. Num espaço de tempo de 50 anos, entre 1824 e 1874, cerca de 40 igrejas se organizaram no território dos colonos, ficando, de certa forma, isoladas das populações nativas (brasileiras). De acordo com

Mendonça (2005), até o final do século XIX todas as denominações protestantes tradicionais estavam presentes no Brasil.

Ao lado dos imigrantes alemães que começaram a chegar no Brasil em 1824 e dos anglicanos ingleses que os antecederam, é necessário colocar os confederados norte-americanos. Estes confederados se estabeleceram no Brasil logo após a Guerra Civil, principalmente na cidade de Santa Bárbara, no estado de São Paulo. Esses imigrantes vieram dos Estados Unidos, principalmente da região sul do país, e eram compostos por diversas denominações protestantes norte-americanas. Apesar de não terem criado uma igreja própria, contribuíram para a consolidação do protestantismo no Brasil. O pensamento básico que caracteriza este período deve ser procurado nos grupos chamados de protestantismo de missão ou conversão, por terem sido estes que conseguiram se inserir na sociedade brasileira e chegar mais perto das instituições políticas. Ao mesmo tempo em que o protestantismo crescia em face à crise por qual passava a Igreja Católica, ele manteve-se afastado de questões de ordem política e social, sendo poucos os pronunciamentos a respeito da abolição da escravidão (MENDONÇA, 2005).

As bases do Liberalismo estão centradas no Iluminismo. Basicamente, o liberalismo se baseia na liberdade do indivíduo. Assim, analisando as perspectivas acerca da prosperidade econômica que o protestantismo carrega consigo, acrescento mais um conceito de fundamental importância para este fato: a teologia da prosperidade. De certa forma, o que ocorria no século XIX era a execução da dinâmica dos preceitos protestantes, que eram considerados progressistas do ponto de vista econômico. Ainda não havia a idéia de uma teologia da prosperidade. O que acontecia, na verdade, eram conceitos opostos entre o protestantismo e o catolicismo no que tocava à economia. Desta feita, os preceitos protestantes que impulsionavam o operário a trabalhar mais e o empresário a lucrar mais foram bem aceitos pela sociedade, uma vez que usariam isto para desenvolver e progredir com a sociedade. A Teologia da Prosperidade é um movimento religioso que surgiu em meados do século XX, e reza que aqueles que são verdadeiramente fiéis a Deus devem desfrutar de uma excelente condição financeira, uma boa saúde, enfim, tudo aquilo que leve ao bem estar do fiel. Aqueles que se interessam mais pelo estudo de classes diriam que, de certa forma, esta dinâmica conserva a pirâmide social, uma vez que os empresários, para lucrarem mais, precisam que os operários trabalhem mais, o que não significa um aumento salarial ou melhoria nas condições de trabalho.

No período anterior a 1952, na maior parte ocorrido durante a era Vargas, caracterizado pelo movimento unionista⁴, o nacionalismo protestante girou em torno de movimentos de autonomia administrativa das igrejas, no entanto não abriu caminhos para que o mesmo protestantismo se libertasse culturalmente, ou seja, não permitiu um protestantismo à brasileira. Os adultos e principalmente as crianças viam e aprendiam na igreja coisas que nada tinham em comum com a sua realidade, sendo o protestantismo um mero reprodutor do padrão burguês norte-americano, que por sua vez era incompatível com a realidade brasileira (MENDONÇA, 2005).

O protestantismo possuía em seu meio uma juventude intelectualizada por meio do acesso ao nível superior nas universidades. Logo começaram a perceber que as suas igrejas estavam muito aquém da realidade brasileira. Nesta hora surgem novas teologias que logo são introduzidas nos seminários. Em outras palavras, a juventude protestante do Brasil estava se politizando, e isso causou grandes mudanças nas igrejas do Brasil. Junto a isso, outro grande impacto foi a explosão pentecostal nos anos 50. O processo de industrialização e o constante crescimento das cidades ocasionaram o êxodo rural e provocou certos problemas sociais. Essa migração, mesmo que nacional e no formato campo-cidade, trouxe uma busca incessante por religiões mais práticas e que, de alguma forma, fossem mais condizentes com a realidade brasileira (MENDONÇA, 2005)

Durante a explosão pentecostal foi criada a Cruzada Nacional de Evangelização. Esse movimento surgiu na Igreja do Evangelho Quadrangular, igreja esta surgida no sul dos Estados Unidos, e que sustentava quatro princípios que são a salvação da alma, o batismo com o Espírito Santo, a cura divina e a segunda vinda de Cristo. Dentro deste mesmo movimento surgiram as tendas de cura divina, e esta era a grande novidade no meio protestante. Ao lado da cura chega também o exorcismo de demônios. Essas novas práticas atingiram as igrejas protestantes tradicionais e as pentecostais, e os membros destas igrejas apropriaram-se dos novos moldes e fundaram as suas próprias igrejas. De acordo com Mendonça (2005), a Cruzada Nacional de Evangelização foi a origem do neopentecostalismo.

⁴ O pastor presbiteriano independente Epaminondas Melo do Amaral defendia a idéia de unir em uma só todas as igrejas protestantes do Brasil, além de criticar o protestantismo brasileiro por ter copiado o modelo norte-americano. O movimento unionista fracassou.

2.3 O PENTECOSTALISMO PROTESTANTE

O pentecostalismo é tido como um movimento de renovação que tem como ênfase a experiência direta e pessoal com Deus através do Batismo no Espírito Santo. O termo *pentecostal* é originado do grego πεντηκοστή (*pentekostê*, cinquenta), e descreve a festa judaica das semanas; para os cristãos, o termo significa o dia em que o Espírito Santo desceu sobre os seguidores de Jesus Cristo⁵. O termo pentecostalismo inclui diferentes vertentes teológicas e organizacionais, porém, no Brasil é comum os pentecostais se denominarem como *evangélicos*.

De acordo com Bettencourt (1995), o pentecostalismo se origina da denominação protestante metodista. A intenção do metodismo seria um reavivamento do anglicanismo da Inglaterra do século XVI. O precursor do metodismo, John Wesley, planejava um novo “método” de vida espiritual para eles – daí o nome Metodismo.

O Holiness (Santidade) foi um movimento surgido no século XIX dentro do metodismo, e rezava que o cristão após ser convertido deveria passar por uma segunda bênção, uma nova e profunda experiência religiosa, conhecida como batismo no Espírito Santo (BETTENCOURT, 1995).

O pastor metodista Charles Pharam possuía uma escola de estudos bíblicos e foi quem aceitou as idéias do Holiness primeiro. Os seus alunos acreditavam receber o Espírito Santo e mantinham suas vidas regradas pelo mesmo Espírito. O sinal característico da recepção do Espírito Santo era a oração em línguas (glossolalia) e o dom de curar doenças e enfermidades (HEERD, BESEN, COPPI, 2005).

Como esta nova onda surgiu e se desenvolveu de um modo entusiasmático as outras comunidades batistas e metodistas se afastaram desse movimento. Assim, as novas comunidades passaram a formar um movimento próprio e a se denominarem pentecostais, fazendo alusão ao batismo no Espírito Santo ocorrido no Pentecostes. O mesmo anseio que move este movimento foi o que impulsionou o protestantismo nos Estados Unidos, onde o desejo de liberdade era intenso e não havia dependência de igrejas institucionalizadas, a intenção era a formação de comunidades livres (HEERD, BESEN, COPPI, 2005).

Segundo Freston, podemos classificar o pentecostalismo brasileiro em três ondas:

A primeira onda é a década de 1910, com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911). (...) A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para

⁵ Livro de Atos dos Apóstolos, Capítulo 2.

Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). (...) A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), e um outro grupo expressivo é a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Novamente, essas igrejas trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo. (1996, p.71)

As igrejas pentecostais divergem entre si em alguns aspectos. Porém, algumas características são comuns a todas devido à sua matriz. São elas: a importância para as revelações provindas do Espírito Santo; a escolha pelo batismo de pessoas já formadas e com opinião própria, e não o batismo de recém nascidos; crença em uma segunda vinda de Cristo; interpretação de revelações divinas; entendimento das doenças como sendo provações divinas; a busca pela cura através da oração e a freqüente prática do exorcismo como um ritual de cura (HEERDT, BESEN, COPPI, 2005).

Segundo Bettencourt (1995, p.47),

Nenhuma denominação protestante está sujeita a se dividir e subdividir tanto quanto a dos pentecostais. Isso se compreende, dado que as raízes e as forças propulsoras são muito subjetivas e emocionais. O crente pentecostal que julgue ter uma visão ou uma “profecia”, facilmente se torna fundador de um ramo independente com seu título próprio: Cruzada da Nova Vida, [...], Igreja Universal do Reino de Deus...

A partir desta perspectiva, podemos entender o porquê de tantas igrejas existentes no Brasil hoje. Quem não se assusta quando passa por algum lugar que era vago e agora tem uma igreja? O que interessa aqui é que as igrejas surgem a partir de revelações de Deus através do Espírito Santo, e seguindo a partir deste ponto podem se fundamentar e crescer como a Igreja Universal do Reino de Deus⁶, Deus é Amor, e a própria IMPD.

O crescimento das igrejas pentecostais é visível a todos e em todos os lugares, o que pode ser provado pelas evidências quantitativas censitárias das últimas décadas. Segundo Almeida (apud OLIVA; BENATTE, 2010), no período em que escreveu sobre isso (1982), as igrejas pentecostais podiam ser divididas em quatro classes e podiam ser quantificadas percentualmente. São elas: Assembléias de Deus (62,6%), Congregação Cristão no Brasil (22,3%), igrejas pentecostais independentes (12,8%), e igrejas pentecostais ligadas a missões (2,3%). Provavelmente este quadro está muito diferente hoje, pois observamos o incessante decréscimo do número de adeptos ao catolicismo e o crescimento exacerbado dos adeptos ao pentecostalismo em suas diversas denominações. De acordo com alguns dados extraídos de censos do IBGE, a diminuição do quadro dos católicos romanos chega na casa dos 20%, enquanto que o número de evangélicos e dos sem-religião aumenta a cada censo (OLIVA;

⁶ Constantemente usaremos IURD para representar o nome Igreja Universal do Reino de Deus.

BENATTE, 2010). Apesar de ser ainda hegemônico, o catolicismo tende a se esmaecer diante do grande crescimento dos pentecostais. O esmaecimento não será total, a ponto de dissolver-se, afinal, tanto tempo em posição privilegiada não será em vão nessa hora, uma vez que a profissão católica é reproduzida veementemente em alguns lugares, principalmente onde a tradição católica esta mais arraigada. De certa forma, podemos concluir que os pentecostais são responsáveis pelo decréscimo do catolicismo.

As atitudes católicas face ao alto índice de crescimento do pentecostalismo se iniciam na década de 80, quando a igreja fica menos preocupada com as suas responsabilidades políticas, e as forças contra o regime ditatorial se esfacelam. As novas igrejas são tidas por seitas⁷, no seu sentido pejorativo, sendo taxadas de conspirações demoníacas e sem fundamento moral e religioso. Porém, o Concílio Vaticano II versa sobre os “não-católicos” com um linguajar que, a meu ver, tem mais o tom de ecumenismo do que esse tom depravatório, de afirmação da Igreja Católica como sendo única e verdadeira.

Por muitos títulos a Igreja sabe-se ligada aos batizados que são ornados com o nome cristão, mas não professam na íntegra a fé ou não guardam a unidade da comunhão sob o Sucessor de Pedro. Muitos deles honram a Sagrada Escritura como norma de fé e de vida. Mostram sincero zelo religioso. Crêem com amor em Deus Pai Onipotente e em Cristo Filho de Deus Salvador. [...] Temos até com eles certa união verdadeira no Espírito Santo, que também neles opera com Seu poder santificante por meio de dons e graças, tendo fortalecido a alguns deles até à efusão de sangue. Assim o Espírito suscita em todos os discípulos de Cristo o desejo e a ação, para que todos, pelo modo estabelecido por Cristo, se unam pacificamente em um só rebanho sob um único Pastor (in *Lumen Gentium*, p. 56-57).

A partir deste trecho retirado dos documentos do Concílio Vaticano II, podemos refletir acerca da posição da Igreja Católica frente ao protestantismo e pentecostalismo⁸. O que deixa transparecer é que o Concílio propunha um diálogo entre as mais diversas denominações, que são diferenciadas da Igreja Católica pelo termo “não-católicos”. O que vemos hoje por parte do protestantismo e pentecostalismo é uma extrema aversão ao catolicismo, por conta de fatores como a adoração a imagens. Em contrapartida, também é possível observar alguns discursos católicos que versam sobre a ilegitimidade das igrejas protestantes e pentecostais, sempre dando valores a mais para aquela igreja que é a verdadeira

⁷ O significado aqui atribuído para a expressão ‘seita’ não carrega nenhum sentido pejorativo, como os atribuídos geralmente. Entendemos seita como um grupo religioso que é caracterizado pelo rompimento com alguma igreja mais organizada. Ela possui autoridades informais e possui líderes que são, geralmente, escolhidos por seus membros. O cristianismo na sua forma primitiva pode ser considerado uma seita (JOHNSON, 1997). De acordo com Weber e Troeltsch (apud Giddens, 2005), a diferença entre igreja e seita é que a igreja é um organismo religioso grande e bem fundamentado; a seita seria o contrário disso, com características voltadas mais para a informalidade, e são iniciadas a partir de uma ruptura com alguma igreja já estabelecida.

⁸ Embora o pentecostalismo mais recente do que o protestantismo, podemos sim projetar a posição da Igreja Católica sobre ele também, uma vez que ele é originado no protestantismo.

e única, fundada pelo próprio Cristo, que é a Igreja Católica. Posso afirmar com base em minhas experiências e vivências pessoais de igreja que, de fato, as normativas contidas no Concílio não são seguidas pela maioria dos líderes desta igreja. Acredito que até mesmo os discursos oficiais do Papa Bento XVI são repletos de afronta ao que foi proposto no documento, uma vez que ele afirma que a Igreja Católica Apostólica Romana é a única e verdadeira igreja de Cristo.

De acordo com Antoniazzi (1996), a partir da exposição ecumênica da Igreja católica houve o surgimento de novas religiões, e o entendimento sobre isso dava a entender que a posição do Vaticano era que todas as religiões eram boas, independentemente de suas denominações.

Ao mesmo tempo, esfriava o interesse do episcopado e das dioceses pelo diálogo ecumênico. Não existem declarações oficiais a respeito, mas uma pesquisa interna da CNBB, no final de 1990, mostrava que em nenhuma diocese o ecumenismo era prioridade nos planos pastorais. Aumentava o número dos bispos que pensavam que, no contexto brasileiro, a abertura da Igreja Católica ao ecumenismo teria contribuído para reforçar a convicção popular de que “todas as religiões são boas”, facilitando a busca de experiências religiosas alternativas ao catolicismo. (ANTONIAZZI, 1996, p.18)

A resposta católica à expansão do pentecostalismo surge com o nome de Renovação Carismática Católica⁹. A RCC possui a mesma matriz sócio-cultural que o pentecostalismo, partilham de determinados preceitos e o crescimento de ambas é concomitante.

Algumas atitudes pró e contra surgem no cenário católico. Surge uma crítica ao pentecostalismo e a RCC, considerando as duas como sendo espiritualistas e intimistas demais e pouco atentas ao cenário social; há também uma crítica mais dirigida ao pentecostalismo e uma defesa da RCC, onde se considera a última como sendo instrumento de defesa ao ataque do pentecostalismo; e por último, e não menos importante, a formação do pensamento de criação e reafirmação de uma nova identidade para a Igreja Católica, identidade esta que pudesse corresponder às mudanças no mundo (Antoniazzi, 1996).

3. CRENÇAS E PRÁTICAS COMUNS DOS EVANGÉLICOS PENTECOSTAIS

Neste capítulo serão apresentados alguns traços comuns aos pentecostais. É importante colocar aqui o entendimento acerca da diferença entre o pentecostalismo e o neopentecostalismo. Chamamos de ‘neo’ por ele ser justamente uma reformulação da segunda

⁹ Denominaremos a sigla RCC para representar o termo Renovação Carismática Católica.

onda, apresentando algumas mudanças significativas, e outras nem tanto, para o desenvolvimento deste segmento.

De acordo com José Bittencourt Filho (1994), o fenômeno religioso por qual o Brasil pentecostal passa pode ser chamado de Pentecostalismo autônomo. Segundo o autor, o termo serve para diferenciar este pentecostalismo daquele originado nos Estados Unidos, no movimento missionário pentecostal. A noção de autonomia significa também que este pentecostalismo adquire certas nuances ímpares, individuais e específicas, de acordo com o que é pensado e/ou revelado¹⁰ a quem cria a nova religião.

O campo pentecostal é dotado de certas características que marcam a sua representatividade, e estas características são universais em se tratando das diversas denominações pentecostais. São importantes para o entendimento da dinâmica das igrejas pentecostais, pois estabelecem certas regras morais¹¹ para os indivíduos que escolhem e aceitam os preceitos oferecidos. Essas características são baseadas na tríade cura-exorcismo-prosperidade, e caminham junto com a doutrina professada pelas igrejas pentecostais.

A cura tem um papel fundamental e é o objeto principal deste trabalho. Segundo Filho, a resposta imediata que a cura tem a partir de sua oferta esta influenciada pela situação das políticas de saúde no Brasil. Atendimentos precários, alto preço de consultas particulares e outros fatores que versam sobre a vida social e pública do indivíduo como falta de saneamento, poluição, tudo isso causa nas camadas populares um certo desespero e a procura pelas formas encantadas de tratamento. Há uma expectativa enorme de que haverá uma intervenção divina eficaz. O autor afirma que “(...) os meios de comunicação insistem na veiculação de heróis encantados, capazes de enfrentar problemas indissolúveis sutil ou abertamente identificados com os impérios da moda” (BITTENCOURT FILHO, 1994, p.25). A partir desta afirmação podemos traçar uma certa divulgação midiática sobre os ‘heróis encantados’ a que se refere Filho. Peguemos como exemplo a IMPD, que tem como símbolo um par de mãos segurando o planeta Terra, com a seguinte frase: “A mão de Deus está aqui”. Ora, se a mão de Deus está naquela igreja (ou religião) e não está na outra, sugere-se que é somente na IMPD que os milagres acontecem, e a propaganda com isso é fortíssima. E essa propaganda pode ser observada tanto nos programas televisivos e de rádio, como também nos próprios cultos. Por várias vezes os pastores questionam as outras denominações, e mencionam que Deus age diretamente na IMPD, que a mão dele esta lá, operando milagres, e

¹⁰ O fenômeno da revelação divina é recorrente no meio pentecostal, e, geralmente, todas as novas igrejas surgidas são fruto da revelação de Deus a algum crente.

¹¹ Essas regras repercutem no campo social, uma vez que versam sobre condutas e posicionamentos que o fiel deve seguir sob pena de não alcançar a salvação.

se as outras igrejas não conseguem atender os crentes, o que eles devem fazer é ir até a IMPD e pedir a cura de Deus. É este o discurso freqüente dos pastores. Durante as visitas de campo, pude perceber o quão esta idéia de eficácia institucional é divulgada, principalmente através dos testemunhos dos crentes que receberam a cura. Eles são usados para a veiculação de propagandas na TV e na internet.

Verificamos que as pessoas que estão atualmente na IMPD já passaram por várias igrejas, traçando o que chamamos de trânsito religioso. O que essas pessoas buscaram em outras igrejas não foi alcançado, e daí a iniciativa pela procura à outras igrejas. Quando chegaram na IMPD obtiveram o que tanto queriam: emprego, milagre, casamento, etc. A função terapêutica do pentecostalismo atua diretamente na carência das camadas populares, dando certo sentido àquelas coisas que foram alcançadas. Trataremos mais a frente sobre a eficácia simbólica da cura e de seus rituais específicos.

O exorcismo também é usado com muita freqüência pelos pentecostais. Todos os males que residem na sociedade brasileira, como a violência armada, o tráfico de drogas e armas, a desigualdade, as doenças de uma forma geral, são explicadas pelo pentecostalismo como sendo obras do demônio. Segundo Bittencourt Filho (1996, p. 26), “o exorcismo seria um autêntico dar nome aos bois”, ou seja, tudo aquilo de ruim que acontece com cada pessoa e com o mundo é produzido pelas forças do mal, pelos demônios. Nesse sentido, os pentecostais utilizam do exorcismo como uma forma de afastar o princípio causador de todos os males e trazer a vida normal para aquele crente que estava possuído.

Um outro ponto é a questão da rejeição da representação por imagens. Os protestantes e pentecostais acreditam que o culto a imagens que representam Deus ou os santos são “desvios paganizantes”, idolatria na sua execução mais plena. A televisão é mal vista também, sendo classificada como “imagem da besta e enganadora”. O culto aos santos e a qualquer outra imagem seja de conotação católica ou afro-brasileira, esta última, inclusive, sofre também o repúdio e a negação por parte de pentecostais e protestantes, sendo tidas como representações do demônio (OLIVA, BENATTE, 2010).

O pentecostalismo, assim como o protestantismo, são bibliocêntricas e bibliocráticas, ou seja, toda a vida do fiel deve ser pautada pelos ensinamentos da Bíblia, e esta, uma vez que é aceita pelo fiel, deve ser lida e praticada a todo o momento. Não é o bastante apenas ler a Palavra, é dever do fiel lê-la e caminhar dentro de seus ensinamentos. O crente leva a sua vida com um único fim, qual seja a santidade, não aquela representada pelos católicos por meio de pessoas representadas em imagens, e sim uma santidade pessoal, transcorrida dentro dos parâmetros propostos pela palavra de Deus, ligado diretamente ao mundo sagrado e afastado

por inteiro da vida profana (HEERDT, BESEN, COPPI, 2005). Para tal, o crente deve abdicar-se de todo tipo de jogo, bebidas, enfim, todos aqueles hábitos e costumes ligados ao lazer e a sexualidade devem ser colocados de lado. A partir dessas atitudes, o crente, automaticamente, não gastará uma certa quantia em dinheiro, que seria investida futuramente em um dos prazeres acima citados. Com isso, acumularia dinheiro e faria um redirecionamento do mesmo. Podemos assimilar esta prática à teologia da prosperidade - que prega que o homem deve ter uma vida financeiramente boa - e também ao crescimento dos neopentecostais. Ora, se a prática fiel dos ensinamentos e a obrigação às regras tornam os crentes mais “ricos”, por que não aderir? Não podemos generalizar a ponto de dizer que todos aqueles que se convertem ou são crentes desde sempre são ricos. O que podemos afirmar, sem sombra de dúvidas, é que a teologia da prosperidade funciona como um chamariz, publicizando o lucro e a riqueza como coisas normais, e sendo vontade divina que o homem tenha uma vida próspera.

Muitos são os pontos essenciais que moldam o pentecostalismo. Podemos juntar a estes descritos acima a influência midiática das religiões. Existem canais hoje de total controle de instituições religiosas, que mesclam a programação religiosa com a programação “secular”, hora é sagrado, hora é profano. A partir da televisão e do rádio, e mesmo das mídias impressas, as religiões divulgam seus encontros e seus feitos, como milagres e campanhas acontecidas no seu interior. A IMPD possui um website (www.impd.com.br) que transmite ao vivo a programação de sua rádio, além de alguns horários em um canal de TV aberta, e distribui também um jornal informativo que contém, além de suas campanhas de arrecadação, depoimentos de milagres, anúncios e agendas do Apóstolo Waldemiro Santiago.

O êxtase coletivo, manifestado na forma de euforia e fervor caracteriza os cultos pentecostais. Músicas agitadas e calmas com letras que inspiram o crente à uma reflexão sobre o mundo atual diferem dos hinos próprios das igrejas protestantes históricas. Segundo Bittencourt Filho (1996, p.30), “O entusiasmo, sendo sempre contagiante e consoante, converte-se indiretamente num dispositivo proselitista, confere uma falsa identidade religiosa ao grupo, a qual escamoteia os níveis diferenciados de adesão e de crenças entre os devotos”. Discordo dele no que tange à proselitismo e falsa identidade. Dizer que uma coisa é proselitista equivale a reconhecer que há uma doutrina, uma regra que é assumida e reconhecida. Ora, faz parte da doutrina pentecostal nos cultos esse avivamento, essa euforia e fervor que clama a todo momento pela vinda do Espírito Santo, para que possam curar essas mesmas pessoas que se entusiasmam. Isso, ao inverso de produzir uma falsa identidade, produz uma verdadeira identidade e particularidade do pentecostalismo. Esse avivamento

exacerbado faz parte da dinâmica ritualística do pentecostalismo, pois, a partir desse avivamento é que o Espírito Santo infunde nas pessoas, e isso é visto com bons olhos pelos crentes, uma vez que é a partir daí que os milagres e benesses chegam à grande massa.

Em suma, esse desenvolvimento do pentecostalismo é conhecido hoje por neopentecostalismo, justamente pelo seu movimento de ruptura com o pentecostalismo clássico. De acordo com Mariano (1998),

Os neopentecostais convivem pacificamente com diversos prazeres deste mundo, como assistir à TV consumir CDs, vestir roupas de moda, mesmo que sensuais, usar produtos e acessórios de embelezamento físico, frequentar praias, piscinas, cinemas, teatros, shopping centers, praticar esportes, torcer para times de futebol, cantar e dançar nos cultos ao som de ritmos profanos, trabalhar com profissões de artista, modelo, atleta. (p. 22)

Um aspecto importantíssimo é o que diz respeito à TV. No pentecostalismo, há uma demonização da programação televisiva, sempre atribuindo ao demônio os diversos programas e filmes e novelas que não condiziam com os preceitos das denominações. No entanto, o neopentecostalismo quebra esse estigma e faz da televisão um dos seus principais meios de evangelização.

Durante as visitas à IMPD, o que é notório é que não existe obrigações no que tange à vestuário dos crentes. Algumas pessoas se vestem com terno e gravata, e geralmente são os obreiros que trabalham na igreja; as mulheres obreiras também se vestem com trajes sociais. Os crentes podem ir com a roupa que quiserem. Logicamente, roupas muito curtas e decotes grandes não serão bem vistos pelas pessoas, mas é possível ver pessoas de saia e blusas curtas.

4. CURA, O EXORCISMO E PROSPERIDADE

Na sociedade moderna, de uma forma geral, nos deparamos por um crescente surgimento de novas religiões. Atrrelado diretamente a isso está também o fluxo corrente de pessoas entre essas novas religiões. A IMPD está nesse caminho por onde as pessoas passam. Esta igreja surge da cissiparidade com a IURD, resultado de um possível conflito entre Waldemiro Santiago (fundador da IMPD) e Edir Macedo (fundador da IURD). Essas igrejas possuem traços que são comuns a todas as igrejas neopentecostais, sendo mais visada pela população e mais divulgada pelas igrejas a tríade cura-exorcismo-prosperidade. No caso da IMPD, existe uma ênfase na cura divina. No que pude observar através de pesquisas de campo e leituras é que as pessoas aderem a ela justamente por essa propaganda do milagre. Até agora, a maioria das pessoas entrevistadas informalmente no Templo dos Milagres, de Juiz de Fora – MG, passaram inicialmente pela Igreja Católica, e posteriormente fizeram uma espécie de “*tour*” por várias outras igrejas neopentecostais, caracterizando o que chamamos de trânsito religioso. A IMPD tem como principal destaque a cura de doenças por meio do poder de Deus. Programas de TV e de rádio, jornal e livros enfatizam os testemunhos dos fiéis que foram curados após receberem a oração de Waldemiro Santiago. Juntamente com a cura divina, aparece na teologia da IMPD a inconformação com a pobreza e a miséria, unindo a teologia da prosperidade e a teologia da saúde. Entendemos por teologia da saúde o fato de que a doença é entendida como uma falta de fé, um não esforço do fiel de crer no poder de Deus.

A partir daqui, tentarei expor, com base nas pesquisas de campo, essa relação entre a tríade cura-exorcismo-prosperidade, explanando cada qual individualmente.

O exorcismo

De acordo com o que já foi dito no capítulo acima, o exorcismo tem uma importância fundamental no neopentecostalismo. Ele é o responsável pela libertação das pessoas dos causadores de males e também é a chave para que as portas da prosperidade sejam abertas. Ou seja, se as pessoas têm doenças, estão desempregadas, desmotivadas, têm dependência química, é porque elas estão possuídas pelo demônio. Todos os males biológicos, psicológicos, sociais, entre outros, são causados pelas forças do mal, por aqueles que adoram o demônio e não têm uma vida regrada nos ensinamentos de Deus e da Igreja.

Essa idéia vem acompanhando a evolução do pentecostalismo ao longo dos anos. O demônio existe, é causador do mal, qualquer pessoa está sujeita às suas ações, e se você não consegue nada próspero na sua vida, é por causa dele. O demônio está agindo em sua vida.

O ritual de exorcismo na IMPD pode ser individual ou coletivo. Pude presenciar ambos. Quando cheguei no Templo, haviam alguns pastores que estavam conversando com as pessoas em locais isolados no ambiente. Pareciam padres em seus confessionários, atendendo a pessoas desesperadas. A única diferença é que aquelas pessoas não receberam nenhuma penitência para ser cumprida, mas receberam um exorcismo, a libertação que tanto almejam e que empacam as suas vidas. Os pastores iam conversando ao pé do ouvido com essas pessoas, e, num movimento rápido, colocavam a mão na cabeça do fiel e começavam a orar, com um tom cada vez mais imponente e cada vez mais alto, como se estivessem em uma briga física. Algumas pessoas desmaiavam, outras apenas levantavam, como se nada tivesse acontecido. Ao me aproximar de uma pessoa que acabara de passar por um exorcismo, não pude deixar de notar o seu semblante mais calmo, como se estivesse saído de uma massagem. Ao perguntar o que tinha acontecido, ele me respondeu da seguinte forma: “*’Rapaiz’...o pastor tava orando, e eu ‘ouviniu’, ‘ouviniu’...quando vê eu apaguei...tava ouvindo tudinho que ele tava me falando, mais num conseguiu abri o olho. Depois que ele mando, abri os olhos e olhei pra ele, e ele me disse que eu podia ir, que eu estava liberto do que me causava mal, e falou pra eu toma cuidado com macumba de terrero (...)*”. Ademais, fui conversando com ele e descobri que ele havia participado de alguns rituais de purificação em um terreiro de umbanda, aqui mesmo em Juiz de Fora. Ao contar isso ao pastor, num gesto ligeiro ele começou a exorcizar o provável exu que podia ter se estabelecido naquele homem.

De acordo com Almeida (1982), as religiões neopentecostais, de uma forma geral, tendem a demonizar elementos das religiões afro-brasileiras e espíritas. Durante as décadas de 1970 e 1980, as denominações pentecostais ganharam maior visibilidade no campo religioso brasileiro, e como estas tinham uma grande ênfase na batalha espiritual contra as outras denominações religiosas, as afro-brasileiras e espíritas se tornaram os inimigos número 1 das igrejas neopentecostais. O exorcismo é peça central da dinâmica dos cultos, uma vez que os males da vida encontram sua origem em Satanás e seus demônios, que estão travestidos pelos exus e pelos espíritos. O desemprego, a miséria, a crise familiar são, quase sempre, de origem maligna. O exorcismo, sob intervenção do pastor, expelle as forças satânicas do corpo do crente restituindo a saúde mental e corporal.

As igrejas neopentecostais dão uma identidade ao diabo, retirando-o da subjetividade do universo pentecostal e colocando-o em um plano objetivo. Assim, o diabo se faz presente

não só na pessoa, como também no ambiente, e todos podem vê-lo, pois o possuído deixa de agir por conta própria e passa a ser controlado pelo diabo. Não é a pessoa quem age, suas palavras e seus atos são do próprio diabo. De certa forma, podemos dizer que o Diabo é peça chave para a existência do neopentecostalismo. Uma vez que a sua proposta é o combate sistêmico ao Diabo e seus demônios, ele próprio não existiria sem a presença dos demônios na vida das pessoas.

A cura

Em todas as visitas que pude fazer na IMPD, o foco principal sempre foi a cura divina. A partir das conversas que eu tinha com os crentes, fui percebendo que a questão do trânsito religioso não era apenas uma movimentação, havia algo por trás daquilo. E o que está escondido nesse tráfego de fiéis é a própria cura.

O crente que quer receber a cura divina precisa se submeter a um ritual de libertação, que é o exorcismo descrito acima. A partir desta libertação, o crente está pronto pra que Deus opere nele um milagre. Alguns pontos devem ser observados mais a fundo pra podermos entender melhor o sistema sob o qual a cura está inserida no universo neopentecostal, e de forma particular na IMPD.

De acordo com Csordas (2008), a cura pode ser dividida em três aspectos principais: o procedimento; o processo e a conclusão. Durante as visitas, procurei observar atentamente estes três aspectos pra tentar entender e explicitar a dinâmica da cura nesta igreja. O procedimento diz respeito aos sujeitos envolvidos no ritual da cura e os objetos ou orações ou até medicamentos que são usados. Portanto, o procedimento do ritual de cura na IMPD envolve a ação sacra dos pastores (ou demais partícipes hierarquizados da igreja), que invocam a ação divina para que os demônios que residem em cada crente que esta ali pra ser curado possam ser expulsos; para isso, utilizam de orações e dizeres próprios de rituais de exorcismo, e também utilizam-se do toque com as mãos na cabeça das pessoas, simulando um gesto que se caracteriza pela retirada de alguma coisa da cabeça dos crentes; a partir daí algumas pessoas alteram o seu estado de consciência, o que caracteriza que o demônio está se manifestando nela; algumas pessoas desmaiam, outras gritam e conversam de modo agressivo com os pastores.

O segundo aspecto do ritual de cura é o processo. Entendemos esta característica como sendo o estado do crente, seja ele físico ou psicológico, durante o ritual. O que ocorre, na verdade, é um misto de emoções, que vão de um simples lacrimejar de olhos até os gritos mais desesperados de dor e sofrimento. Quando o ritual de exorcismo acaba, podemos

perceber nas pessoas um semblante calmo, tranqüilo, totalmente diferente das manifestações agitadas que acabaram de acontecer ali. Pareceu-me como um transe coletivo, que se encerrou ao comando do pastor, quando convidou todos os presentes a soltarem um grito bem alto, caracterizando, de fato, que a ordem era para que o demônio saísse das pessoas mesmo. Os gritos diziam: *Sai... Sai... Sai.*

O terceiro aspecto, que é a conclusão, é para nós o mais importante. Este aspecto diz respeito à disposição final dos participantes em relação ao seu nível declarado de satisfação com a cura, ou seja, é o momento em que o crente se manifesta em relação ao seu objetivo em estar ali, vai declarar (ou não) se recebeu a cura de Deus, se alguma dor ou doença que ele sentia foi sanada a partir da intervenção divina. Quando acaba o ritual de exorcismo, o pastor convida as pessoas que quiserem a dar o seu testemunho de fé, que nada mais é do que o discurso dos crentes que receberam o milagre. Várias pessoas se voluntariam, sendo que algumas delas receberam a cura naquela hora, e outras receberam em outros momentos, como em orações em rádio e televisão. Nessa hora as pessoas se manifestam em relação a dor que estavam sentindo e que não sentem mais, àquela doença que se extinguiu sem explicações médicas, o emprego que não aparecia e que agora foi conseguido, enfim, muitas outras necessidades que os crentes buscavam através de Deus e que, quando conseguem, atribuem à ação divina.

O que nos interessa aqui não são explicações comprovadas cientificamente acerca dos milagres. O que importa para nós é a eficácia simbólica da cura, e o que ele representa para o crente. De acordo com Lévi-Strauss (1975),

A cura consistiria, pois, em tornar pensável uma situação dada inicialmente em termos afetivos, e aceitáveis para o espírito das dores que o corpo se recusa a tolerar. Que a mitologia do xamã não corresponda a uma realidade objetiva, não tem importância: a doente acredita nela, e ela é membro de uma sociedade que acredita. Os espíritos protetores e os espíritos malfazejos, os monstros sobrenaturais e os animais mágicos, fazem parte de um sistema coerente que fundamenta a concepção indígena do universo. A doente os aceita, ou, mais exatamente, ela não os põe jamais em dúvida. O que ela não aceita são dores incoerentes e arbitrárias, que constituem um elemento estranho a seu sistema, mas que, por apelo ao mito, o xamã vai reintegrar num conjunto onde todos os elementos se apóiam mutuamente.

Não estamos tratando aqui sobre um ritual indígena. Portanto, podemos transpor para o universo em estudo a estrutura do trecho acima, transformando a figura do xamã no pastor, a concepção indígena do universo em teologia neopentecostal e todos os demais traços míticos de monstros e espíritos em demônios. Dessa forma, podemos dizer que a cura depende, exclusivamente, de quem a procura. Ou seja, não adianta querer a intervenção divina

se não se aceita a mesma, ou não acredita no que será feito. O ritual de cura, atrelado diretamente ao exorcismo, faz parte do universo religioso da IMPD, e reúne os crentes numa igual perspectiva de crenças, o que facilita a conclusão positiva dos milagres.

Ainda, de acordo com Csordas (2008), a cura deve ser vista sob dois pontos distintos: deve-se observar o ponto de vista do nativo [quem recebe a cura] que engloba as possessões, os transe e os demais fenômenos da cura religiosa; e deve-se observar também o ponto de vista científico, que deve ser entendido de acordo com os termos psiquiátricos ou médicos. Neste caso, não nos atentaremos para o ponto de vista científico, uma vez que esta proposta não tem pretensões biológicas ou psicológicas. Este autor entende a cura como sendo processos endógenos que ocorrem com o crente.

Dessa forma, podemos dizer que a cura acontece, a partir do emaranhado de significados que são colocados na vida do crente, e para tal, ele deve acreditar no ritual, na possessão por demônios e no exorcismo deles, como forma de libertação, de limpeza do organismo para que aconteça a ação de Deus.

A prosperidade

O último tópico da tríade – que é a prosperidade - deve ser visto como um ato conclusivo. Ou seja, o crente busca a cura, busca uma melhora porque quer que sua vida seja próspera. A teologia da prosperidade é propagada de forma intensa no universo neopentecostal. Contudo, ela sofre variações de acordo com a instituição. Tentaremos traçar de início o surgimento desta teologia, para depois apresentá-la na visão da IMPD.

No contexto dos últimos 50 anos, a intensa urbanização e industrialização marcaram o período do desenvolvimento nacional. Surge então uma proposta religiosa baseada no tráfego de bens simbólicos, que trouxe para si os segmentos mais pobres da sociedade brasileira, e a partir destas foram criadas redes de símbolos que fizesse sentido à essas camadas e que lhes desse dignidade. De acordo com Proença (2010), as mudanças estruturais por quais o Brasil passou instigaram o aparecimento de determinadas práticas religiosas que respondiam bem aos processos de modernização que a sociedade brasileira passava. As pessoas foram atraídas pelas propostas que essas novas práticas colocavam como resposta ao mundo de crises que viviam. O neopentecostalismo surge com propostas de soluções mais instantâneas e mediadas por elementos sobrenaturais. Esse segmento ficou conhecido no meio pentecostal por Teologia da Prosperidade.

Entre os principais ensinamentos deste segmento estão a vontade de Deus que seus filhos comam do bom e do melhor, que vistam as melhores roupas e tenham tudo o que é

melhor; não se deve gastar dinheiro com médicos e remédios, pois a fé é suficiente para a cura de todas as doenças. O neopentecostalismo abandona uma ética de desvalorização do mundo voltada para objetivos extramundanos e passa a trabalhar com a idéia de aceitação que é natural ser rico, ter uma saúde boa a ser próspero. A figura do Diabo aparece novamente aqui, pois é atribuída à ação demoníaca toda a responsabilidade pela miséria e pelo sofrimento.

A IMPD possui cultos exclusivos voltados para a prosperidade. São eles: Segunda – Feira do Crescimento Financeiro e o Sábado Clamor das Portas Abertas. Apesar do foco deste trabalho ter sido apenas no dia dedicado à cura, participei de alguns cultos nestes dias. A dinâmica se repete ao milagre, uma vez que a figura demoníaca está sempre presente, se faz necessário um momento de libertação, um exorcismo, para que se possam fazer os pedidos a Deus.

Considerações

Juntando estes três aspectos, podemos dizer que eles estão intrinsecamente ligados. O crente quer a cura de Deus; para isso, ele deve primeiro, se libertar daquilo que o prende, e assim se submeter ao exorcismo; após ter sido liberto, Deus opera nele um milagre, seja ele a cura de alguma doença, ou outra benesse que ele almeje. Dessa forma, Deus ajuda o crente, pra que ele possa ter uma vida próspera, como mandam as escrituras.

Na verdade, as pessoas estão em busca do que lhes é conveniente e eficaz. Nesses casos, as pessoas buscam soluções divinas para os seus problemas, e encontraram essa solução na IMPD. A cura divina, ou a solução divina para os problemas faz com que as pessoas transitem mesmo de uma igreja para outra, até encontrarem o que de fato almejam. De certa forma, o pentecostalismo resgata a idéia de cura divina, pois, a Igreja Católica tratou de delegar a cura apenas aos santos canonizados pelo Vaticano. No pentecostalismo, não é necessário ser santo para “praticar” milagres.

As igrejas neopentecostais que trabalham a propaganda do milagre possuem certas características. De certa forma, podemos falar de um certo caráter empresarial na oferta de bens religiosos. Por exemplo, a IMPD possui encontros específicos para quem passa por diversos problemas: segunda-feira do crescimento financeiro, terça-feira do milagre urgente, quarta-feira do novo nascimento, quinta-feira da família, sexta-feira clamor do socorro, sábado clamor das portas abertas e domingo da aliança com Deus. Dessa forma, as igrejas atraem um determinado tipo de “público” que busca solução para seus problemas. O crescimento financeiro está atrelado à Teologia da Prosperidade; o milagre urgente para quem

quer ser curado de alguma doença¹²; o novo nascimento é um dia dedicado para aqueles que desejam ser convertidos; o dia dedicado à família; o clamor do socorro serve para quem quer se libertar de algum mal – geralmente atribui-se a esses males como feitiços provocados por umbandistas e/ou candomblecistas; o clamor das portas abertas serve para que “as portas se abram”, ou seja, oportunidades para quem não a tem; e por fim a aliança com Deus, que expõe um culto voltado para assuntos gerais.

Há também um certo distanciamento da Bíblia. Enquanto as igrejas tradicionais se preocupam em pregar em seus cultos os ensinamentos do livro sagrado, em sua maioria o interpretam ao pé da letra, os neopentecostais se distanciam um pouco, prezando mais por situações cotidianas e atrelando ao mal a imagem do demônio, que, em geral, é caracterizado por lembranças aos Exus das religiões afro.

Deve-se destacar também a recorrente locação de estádios de futebol e ginásios para a realização de eventos da igreja. De certa forma, estes eventos aumentam o carisma e a confiabilidade do líder para com os fiéis.

Devido ao grande fluxo de pessoas, não há uma frequência certa nos cultos. Ou seja, os frequentadores são, de certa forma, entendidos como clientes, uma vez que há uma espécie de “lei da oferta e da procura”, as pessoas procuram por soluções eficazes (mágico-divinas) e as igrejas oferecem o serviço (a cura).

O trânsito religioso é caracterizado, então, por esse fluxo de fiéis que transitam entre as igrejas, sempre buscando novos bens religiosos que são oferecidos pelas igrejas. E esse fluxo é ditado pela eficácia simbólica que cada bem carrega. A IMPD faz uma propaganda clara do milagre. O seu próprio slogan retrata que a Mão de Deus atua mais ali do que em qualquer outro lugar. Junto com o milagre, a igreja oferece também óleos sagrados e objetos abençoados, e estes objetos também são dotados de eficácia simbólica, trazendo ao fiel mais segurança e confiança. Esses objetos e óleos são oferecidos com a premissa de que eles protegerão o fiel durante o seu dia a dia.

Há uma disputa entre três grandes expansões neopentecostais: a Igreja Internacional da Graça, a IURD e a IMPD. Cada qual com sua proposta, com sua teologia e com sua doutrina, mas possuidoras de uma mesma base matricial. Ora, segundo Bourdieu (1978), a estratégia dos jogadores varia de acordo com o seu capital, assim como da estrutura do mesmo, onde o objetivo final do jogo é a conservação ou o acúmulo de capital e os indivíduos que se localizam nas esferas da dominação farão opções de conservação. Podem também

¹² As pessoas atribuem a ações divinas também a contratação em algum emprego, casamentos, formaturas, etc.

ocorrer mudanças nas regras do jogo, onde a estratégia de um jogador será, por exemplo, desacreditar na espécie de capital sobre a qual descansa a força de seu adversário. Em outras palavras, a IMPD desacredita das práticas e pregações da Igreja Internacional da Graça, e com isso ganha e acumula capital contra seus concorrentes na medida em que atrai fiéis descontentes com os resultados negativos obtidos por outras igrejas, estabelecendo o trânsito religioso pelo contraste dos resultados. Durante as visitas que fiz, os pastores mencionavam em determinados momentos algumas falas originadas de outras igrejas, e estas falas, por sua vez, tinham a intenção de conduzir o crente a determinados comportamentos e ações que são considerados pela IMPD como errados, pois Deus não quer aquilo para seu filho. Sempre ao final eles diziam: (...) *isso tem lá na Internacional, lá eles não querem que você seja feliz, querem te prender lá (...)*.

5. A MODERNIDADE E O TRÂNSITO RELIGIOSO

Podemos também estabelecer conclusões que afirmem o papel da religião na sociedade pós-moderna. De acordo com Hervieu-Leger (2008), existe um paradoxo religioso nas sociedades seculares. O que seria esse paradoxo? A modernidade, ao mesmo tempo em que seculariza a religião, deixando-a completamente sem prestígio e sem status para controlar as coisas mundanas – como era feito nos séculos anteriores – cria determinadas vias de acesso para que essa mesma religião que fora secularizada antes recree novas formas de religiosidade. O próprio título do texto dessa autora retrata a questão: a religião despedaçada. Isto significa que a religião, de certa forma, esfarela-se em tradições, e passa a configurar novas tradições. E o avanço das igrejas neopentecostais pode ser atrelado a isso.

A modernidade, de acordo com Giddens (2005), nos passa a idéia de que o mundo não é regido mais pelo progresso ou pela história de grandes instituições. A sociedade pós-moderna é totalmente pluralista e diversificada, e seu histórico é formado não pelos ditames de coisas antigas, e sim pelo seu próprio desenvolvimento, unido às características e oportunidades que são oferecidas. De certa forma, houve uma ruptura com a tradição, e após isso, a própria modernidade recria canais de formação de novas crenças, e é este o cenário do avanço neopentecostal. Existem igrejas que são determinadas a um tipo de público, como por exemplo as surgidas dentro de presídios e as recentes igrejas voltadas para fiéis homossexuais. Nunca que em tempos anteriores isso seria possível, dada as circunstâncias da hegemonia Católica Apostólica.

As práticas religiosas se misturam e permitem que os freqüentadores façam essa mistura também. Há pessoas que vão em uma missa e depois vão para uma sessão espírita ou para algum terreiro. A este ponto cabem algumas considerações: i) a busca pela eficácia dos bens religiosos faz com que exista este trânsito, e este, por sua vez, pode ser fixo ou não, possibilitando ao fiel que continue trafegando à procura de respostas positivas ou que ele se fixe em alguma igreja; a visão de religião das pessoas está bem alterada também, pois é inaceitável para a Igreja Católica que um fiel freqüente mais de uma religião, uma vez que a própria Igreja Católica prega que ela é a única e verdadeira Igreja de Jesus Cristo, contudo, os fiéis não tem essa visão e continuam buscando resultados.

De acordo com Hervieu-Leger (apud MARTELLI, 1995), esses efeitos da modernidade foram combatidos pelo Vaticano sob a liderança carismática de João Paulo II. Foi traçado uma estratégia mais complexa do que a enorme crítica que fazia a Igreja Católica se opor à modernidade. A crítica passa a ser em favor dos direitos do homem, e não mais em

favor do tradicionalismo. O resultado já é previsível: a estratégia encontrará limites insuperáveis e certamente vai falir. Esta foi a conclusão que Hervieu-Leger chegou em sua análise, e esta se consumou. A estratégia católica não deu certo, a mesma perde o espaço hegemônico que tinha para os neopentecostais. O Censo de 2000 já mostrava que o número de católicos vinha diminuindo consideravelmente, concomitante ao crescimento de neopentecostais e dos sem religião.

Ainda, segundo Pace (1999), a religião é influenciada pelos efeitos da globalização. De acordo com ele, a globalização é um processo de decomposição e recomposição da identidade individual e coletiva que fragiliza os limites simbólicos dos sistemas de crença e pertencimento. Observando a religião a partir deste ponto de vista, ela está em crise como fonte de imagens, estáveis e distribuídas no tempo, do mundo em que uma autoridade religiosa reconhecida enquanto tal entrega de geração em geração os mecanismos de reprodução do capital simbólico, que são protegidos por uma religião graças ao trabalho incessante de seus pensadores.

Ao falar de globalização, Pace (1999) faz um confronto entre a religião e a modernização das sociedades. Essa modernização reflete no interior da religião e faz com que ela modifique seu discurso, amenize suas assertivas e passe a fazer uma comunicação mais simples com o objetivo de conquistar um público maior, que desconhece a teologia e que está mais preocupado com as questões relacionadas com o dia-a-dia.

Em suma, os efeitos da pós-modernidade (ou da globalização) atuam na expansão do neopentecostalismo, e em especial na IMPD. Embora a minha pesquisa ainda esteja em andamento, a partir da bibliografia analisada e das pesquisas de campo, a IMPD é uma produtora de bens religiosos diversos, uma espécie de empresa, que tem sua clientela própria. E como é próprio de qualquer empresa, não é possível fidelizar os seus clientes. Ou seja, a maioria dos entrevistados até agora não freqüentam apenas a IMPD. E o trânsito religioso vai fluindo a partir desta perspectiva, onde os fiéis transitam por todas aquelas religiosidades que lhes convém. A razão disto para a ciência, em especial para a antropologia, é a busca por uma eficácia simbólica, e certamente a razão disto para o fiel é a fé, *a priori*, é a busca por Deus, um Deus que sabe de tudo e que tudo resolve.

6. CONCLUSÃO

Os pontos históricos mencionados no início deste trabalho nos levam a imaginar o panorama histórico-cultural em que se consolidou o protestantismo, e posteriormente o pentecostalismo. A partir da segunda metade do século XV, o mundo europeu sofreu grandes transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. Estas transformações marcaram o fim da Idade Média e o início dos tempos modernos. No campo religioso, temos duas situações: a) uma vez que a expansão marítima estava no seu auge, o cristianismo (em sua forma católica) foi difundido nos outros continentes; e b) surgem as primeiras insurgências contra a Igreja Católica, hegemônica na época. Após a consolidação das religiões protestantes, as mesmas iniciam um processo de expansão, e chegam aos EUA em 1607. É nesse mesmo país que o protestantismo sofre certa “revitalização”, ou seja, ocorre um ‘despertar’, e os cultos passam a conter fortes avivamentos, remetendo os fiéis à presença do Espírito Santo. A partir daí, este panorama se transforma no que chamamos de pentecostalismo, e de certa forma, ele cria (ou recria) outras formas de ritualizações e doutrinas que diferem do protestantismo tradicional. E este pentecostalismo, por sua vez, se transforma em ‘neopentecostalismo’, onde estas mesmas doutrinas são continuadas e/ou modificadas, de acordo com as premissas de seus fundadores. Os neopentecostais se caracterizam por terem essa dinamização, no sentido de não seguirem os traços antigos das religiões protestantes e pentecostais tradicionais, até mesmo porque a criação de novas igrejas é determinada, segundo os criadores, por ordem divina, através de revelações ou visões.

Essas novas igrejas que são criadas a todo o momento produzem o que chamamos de trânsito religioso, que é essa “andança” dos fiéis entre mais de uma igreja ou religião, em busca de determinados bens religiosos. Os autores pesquisados julgam como trânsito religioso o tráfego de fiéis entre todas as religiões de uma forma geral. No entanto, o entendimento desse trânsito religioso não deve ser tão generalizado. O universo neopentecostal é, de certa forma, comum a todas as igrejas que se enquadram no mesmo universo, assim como o universo pentecostal e protestante. Se o fiel trafega por igrejas dentro de um mesmo universo, este trânsito se limita a ser apenas institucional ou interdenominacional, e não inter-religioso. Sendo assim, o conceito de trânsito religioso será trabalhado posteriormente através de outras pesquisas, onde será analisado mais de perto se esse trânsito ocorre entre igrejas/religiões pertencentes a um mesmo universo ou não.

De certa forma, toda a dinâmica que move os cultos na IMPD são baseadas na tríade. Ora, a lógica que se segue vai de encontro direto com a noção católica de cura e doença. Não

é preciso aqui detalhar sobre este aspecto, uma vez que ele será trabalhado futuramente em outra pesquisa. O que quero ressaltar é que, o que faz a diferença na IMPD (e em outras igrejas do mesmo segmento) é o trato que é dado à doença e aos problemas que as pessoas enfrentam cotidianamente. Não é Deus que coloca um câncer nas pessoas, não é Deus que reproduz a violência nas cidades, não é ele que mata, não é ele que traz dor. Tudo isso é explicado e justificado pela IMPD como sendo ação demoníaca, e dessa forma, eles oferecem a solução para o problema, a cura divina. O crente deve se submeter a um exorcismo, retirando, assim, o demônio causador de todos os males que ele sente. Acreditamos que essa lógica atrai cada vez mais pessoas para os cultos, o que não significa que elas fiquem para sempre em apenas uma instituição. Como já disse anteriormente, seria preciso mais pesquisas para poder explicar mais a fundo esse tráfego de fiéis pelas instituições neopentecostais.

Pesquisas posteriores poderão explicar melhor essa relação entre o entendimento de doença e cura entre os crentes, e também as diferenças entre os discursos das instituições acerca da natureza da doença, seja ela ação de Deus ou ação demoníaca.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. (Org.). **História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1982. P. 11-12.
- ANTONIAZZI, Alberto. A Igreja Católica face à expansão do pentecostalismo. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- BETTENCOURT, Estêvão Tavares. **Crenças, religiões, igrejas & seitas: quem são?** [Santo André]: O mensageiro de Santo Antonio, 1995.
- BITUN, Ricardo. **Campo religioso neopentecostal: Igreja Mundial do Poder de Deus e o trânsito religioso**. [S. l.] Revista Pandora Brasil, n. 25, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: Idem. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- CAMURÇA, Marcelo. A sociologia da religião de Daniele Hervieu-Leger: entre a memória e a emoção. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.
- CSORDAS, Thomas J. **Corpo/Significado/Cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- FILHO, José Bittencourt. Remédio Amargo. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil**. 1994. Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor. UNICAMP, 1994.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HEERDT, M. L.; BESEN, J. A.; COPPI, P. **O universo religioso: as grandes religiões e tendências religiosas atuais**. São Paulo: Editora Mundo e Missão, 2005.
- HERVIEU-LÉGER, Daniele; A religião despedaçada: reflexões prévias sobre a modernidade religiosa. In: Idem. **O peregrino e o convertido**. A religião em movimento. Petrópolis: Vozes, p.31-56, 2008.
- HERVIEU-LÉGER, Daniele; Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, vol. 18, n.1, p.31-47, 1997.
- HERVIEU-LÉGER, Daniele; WILLAIME, Jean Paul. Émile Durkheim (1858-1917). Idem. **Sociologia e Religião**. Aparecida: Idéias & Letras, 2009, p. 163-211.

HERVIEU-LÉGER, Daniele; WILLAIME, Jean Paul. Max Weber (1864-1920). Idem. **Sociologia e Religião**. Aparecida: Idéias & Letras, 2009, p. 71-123.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1997.

LEVI-STRAUSS, Claude. **A eficácia simbólica**. In: Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MARIANO, Ricardo. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Civitas**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 238-258, 2011.

MARTELLI, Stefano. Cenários da religião na sociedade pós-moderna. In: Idem. **A religião na sociedade pós moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 452-468.

MENDONÇA, Antonio Gouvea. O celeste porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

MENDONÇA, Antonio Gouvea. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 48-67, 2005.

MOTA, Jak Jony Faria. **“Con-Tradição Protestante no Brasil**. 1998. Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós Graduação em Ciência da Religião – Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas e de Letras, Juiz de Fora, 1998.

OLIVA, Alfredo dos Santos. Um século de Pentecostes no Brasil: algumas observações. In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo (Orgs.). **100 anos de Pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. P. 31-66.

OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo (Orgs.). **100 anos de Pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, p. 177-197, 2003.

PACE, Enzo. Religião e Globalização. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Orgs.). **Globalização e Religião**. Petrópolis: Vozes, p.25-42, 1999.

PROENÇA, Wander de Lara. Da ascese aos bens do mundo ao anseio por um mundo de bens: representações da pobreza e da riqueza nas práticas do pentecostalismo brasileiro. In: **100 anos de Pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, L. O.; OLIVEIRA, M. G. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

RABELO, Miriam C. M. Estudar a religião a partir do corpo: algumas questões teórico-metodológicas. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 61, p. 15-28, 2011.

SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 1, n.2, p. 28-43, 1997.

TOCQUEVILLE, Aléxis de. **A democracia na América.** Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1977.